

ave eva

adriano lobão aragão

© 2011 Adriano Lobão Aragão

Aragão, Adriano Lobão
ave eva / Adriano Lobão Aragão. Teresina: dEsEnrEdoS, 2011.

ISBN 978-85-912217-1-4

1. Poesia brasileira. I. Título.

[2011]
dEsEnrEdoS
[lobaoaragao@gmail.com]

www.desenredos.com.br
www.adrianolobao.com.br
adrianolobao.blogspot.com

ISBN 978-85-912217-1-4



9 788591 221714

itinerário

os prefácios 03

§. α
ave eva

entre folhas a parreira 05
e planta a dança em arcanjos estáticos 06
como o bronze de tua tez tecendo breve momento 07
entre as formas reclinada 08
o instante quando levantas 09
em tua boca o contorno retoma 10
sinto em teus seios a fêmea forma de teu ser 11
teu perfil esfíngico de agreste ardor 12
quando solto ao tempo teu cabelo 13
a atenção que tua existência exige 14
percebe-se embebido em tua pessoa 15
breve universo submerso no olhar 16
que gesto desvela o tempo 17
música, quando calada 18
a linguagem de teu olhar destrói a metáfora 19
as vestes o corpo 20

§. ω
reviver

a linha os ciclos 22
sim, mas quem devolverá ao tempo 23
e quando retorna a si a oferenda 24
de anábase, minha fria dama 25
odisséias 26
herança 27
terceto íntimo 28
do dramaturgo racine conta-se esta infância 29
das ruas deste outro país 30
nenhum homem é sábio 31
quando todos esperariam uma última homenagem 32
os passos as sombras 33
eis que liberto caminhante 34
o que há de sensível 35
a queda o voo 36
os nomes as pedras 37

os prefácios

§. α
ave eva
te assisto na nudez que desvela
este íntimo diálogo cultivado
num jardim de esquecidos anseios morais
onde se morre de corpo e de alma
em pequena vastidão de pecado e perdão

§. ω
reviver
a odisseia de cada dia despertar
na inútil batalha de se perder
e se me acompanha a lança em sangue adornada
é dádiva da diva dama a quem se deva adorar

§. ∞
em silêncio ecoa teu ardor de êxtase de dor e gozo
enquanto marchamos solitários para longe dos paraísos reviver

ave eva

§. α

ave eva

entre folhas a parreira

mas de tua tez aflora
mais que evidente elegia
de fruta e aurora

e uva talvez teus seios
ou tua vulva
que entre folhas a parreira
sementes espalha

e de tuas mãos sobrepostas
como se a si segurasse
suavemente em essência

sendo o próprio pomo
o que emana teu âmago
em colheita inteira

somente em si

e planta a dança em arcanjos estáticos

e planta a dança em arcanjos estáticos
fácil arranjo de arpejo distante
entre pétalas dispersas em maio

e dançam flores em cores estanques
nesses arcanjos perdidos na luz
que em escuro silêncio se cante

e canta cores em céu difuso
entre pétala perdida no azul
e dispersa pelo jardim escuro

este teu ser multiplicado encanto
quando em silêncio planta o canto e a dança

como o bronze de tua tez tecendo breve momento

como o bronze de tua tez tecendo breve momento
em leves traços movimento disperso em nitidez
no gesto fugaz que teu olhar faz mudar de intento

ir embora toda paisagem emoldure teu ser
e logo recomece sempre teu revelar-se esquivo
e doe apenas o que neste instante se possa ter

o que há de finito se refaz em seu sentido mínimo
e sozinho sinto tudo o que tua presença emana
e preenche no tempo esquivo seu enlace íntimo

no lascivo idioma que consome tua eterna dança
escrita que se decifra no bronze de tua tez

entre as formas reclinada

assim deitada
teu perfil revela
não a púbis encoberta
pelo corpo pelas costas
entre as formas reclinada

mas pelas curvas de tuas ancas
abre-se em ponto e ânsia
a flor que dança em teus quadris
no momento ainda que descansas

quem sabe das ânsias
que reclama o corpo
quando em perfil procuras
a chave que propões guardar

o instante quando levantas

o instante quando levantas te assiste em ânsia
e dança o olhar que aproxima o gesto distante
em medo em gana em gozo enquanto
o encanto se derrama em tua boca

em tua boca o contorno retoma

em tua boca o contorno retoma
em linha exata o mapa da minha sede
onde refaço em incessante traço
em tua língua a linguagem do desejo
onde invento eternamente o labirinto em que me perco

sinto em teus seios a fêmea forma de teu ser

sinto em teus seios a fêmea forma de teu ser
em suave curva em deslize sob o vestir sem esconder
o sabor que em saliva infinda o provar e o querer

sinto em teu ser a forma de teus seios
que atrai todo querer em ardores e desejos
de em minhas mãos suavemente retê-los

teu perfil esfíngico de agreste ardor

teu perfil esfíngico de agreste ardor
todo enigma se faz guardar
no âmago que ora revela
em linguagem e intento
a líquida fala de teu lábio
na incessante sede que meu membro
em orvalho se busca aplacar

quando solto ao tempo teu cabelo

quando solto ao tempo teu cabelo
lado a lado em tua face outrora escorria
estes tênues fios adornando um felino olhar
e ainda que presos tendiam
a deixar-se constantemente escapar

entretanto há sempre dança em teu cabelo escuro
se por leve brisa perdura ou se agita
com os ventos que aportam em maio
como se de teus fios trançasse
a teia de arabesco inevitável
– a que um dia chamaria vida –
em seu traçado de elegância e desalinho

a atenção que tua existência exige

a atenção que tua existência exige
não foge aos sentidos
ainda que evitado o olhar
e o imaginário sabor de tua pele
que se doa somente ao mínimo tato

não foge aos sentidos saber
o calor de teu ser
escondido na distância
de breve voz semi-susurro
e tão tênue se impõem
o perfume que tua presença abandona
quando ausente se refaz
inteiramente só

percebe-se embebido em tua pessoa

percebe-se embebido em tua pessoa
que ver-te é verter-te plena
em mistério que não se deixa penetrar

em embriagante tez
que se desfaz no espírito do vinho que tens
disperso em líquido delírio

escorrendo pela pele de teu ser

breve universo submerso no olhar

breve universo submerso no olhar
como se tragasse o narrador do amanhã
no infinito oceano de um segundo

quando a musa se refaz em alcova escura
transbordada no leito onde derramo
o sêmen que do mar a deusa nasce

no breve universo submerso no segundo
quando afogado no tempo inexato
esvaíndo-se em leite sêmen solidão

revela-se à leve brisa da manhã

que gesto desvela o tempo

que gesto desvela o tempo
tecido na linguagem dos teus sentidos
escondidos no labirinto de tua forma
felina esculpida no vento

música, quando calada

música, quando calada
em harmonia emana
silencioso gesto
de acorde delicado

e ausente, imagem se define
sendo presença exata
de imaginário traço
em concreta abstração

e quando sem vestes se revela
lindamente vestida
de teu corpo somente
dança imóvel teu ser

e sei desta invisível escultura
deitada impressa no tempo
que sempre única se faz
querer e amar apenas mais

não sei qual lascivo arabesco
tua morena pele esconde
onde agora cego vislumbro
a escura linguagem da luz

e se toca a minha a tua mão
sei que teu passo acompanho
ainda quando não ouça
a vaga música em que danças

a linguagem de teu olhar destrói a metáfora

a linguagem de teu olhar destrói a metáfora
nostálgica do paraíso perdida na alegoria de uma luz lilás
revolve a escrita em discretos gestos sem cor

pouco há de tua presença nas entrelinhas de um mesmo verso
ou na solitária companhia das ausências esquecidas

as vestes o corpo

sabei, senhora, que vi tuas vestes
deixadas ao acaso pelo caminho que permeias
entregues à suave brisa da manhã de abril
o elegante vestido a simples saia
alçados ao varal do tempo
em que maduras tua nudez

que tecido, senhora, envolveria tua forma
se para além da impura e bela matéria na qual encarnas
nem teu corpo encobres a beleza extrema desnudada em tua tez

§. ω
reviver

a linha os ciclos

no silencioso percurso em que se perde o segundo
os ciclos entrelaçam o tempo disperso
entre os riscos da mão
onde escondo a sombra
do tempo que devolve seu gesto ao mundo

sim, mas quem devolverá ao tempo

sim, mas quem devolverá ao tempo as pegadas esquecidas no vento
estas farpas colhidas há pouco guardadas na palma da mão
em silêncio esta palavra grave que ecoa

e quando retorna a si a oferenda

e o que saber de teu anseio entregue ao ventre e ao seio alheio
[quando retorna a si a oferenda que há pouco somente sêmen seria?
e que força haveria em teu sangue que não vê as marcas
[de teu semblante impressas em um outro ser?
e como artífice tenaz empenhas o obstinado ofício de reinventar-se
[em imagem e semelhança na fêmea que empenhas
e eis novamente em teus braços os traços que em ti afirmam
[a perpétua condição de semeador
e como impetuoso autor revisando a própria obra chega até si o desejo e a hora
[de descartar o esboço feito outrora
e eis que teu riso e tua mão se estendem apenas a um dos irmãos
[para que corra o risco e o destino de existir em vão
e que seja a mão que se ergue em fratricídio a mesma que jaz em suplício
[e ambas as duas palmas de tuas mesmas mãos
e o que saber de teu feito quando retorna a si a oferenda
[que reafirma em teu filho teu genitor?

de anábase, minha fria dama

de anábase, minha fria dama, trago estas lendas escassas
onde o frio enrijece os nervos sem esfriar os desejos

de anábase, minha fria dama, trago estas lendas escassas
o meu corpo caído em batalha nos campos gelados
insepulto abandonado e minha alma repousando ao teu lado

de anábase, minha fria dama, trago estas lendas escassas
o horror do sangue derramado em lança
a vitória inútil que nem aos mortos alcança
e a derrota gloriosamente estampada em soldado em criança

de anábase, minha fria dama, trago estas lendas escassas
quando afio a lança antes da próxima última batalha
quando ouço em conflito o eco de tua doce fala
quando toco a tua mão que minha mão desarma
quando em meu peito esqueço a arma que o inimigo encrava

de anábase, minha fria dama, trago estas lendas escassas
o guerreiro que morre ao lado do próprio escudo despedaçado
a capa aberta inerte a lança inútil caída o elmo desnecessário
o rio que segue em neve em sangue em breve um outro rio alcançado
de águas sangrentas eu trago estas lendas de remoto passado
onde uma fria dama teria de seu eleito o retorno inesperado

odisséias

aqui chegamos todos
enfim

que não sabíamos
quantas odisséias contém uma odisséia

esta que é todas as viagens
do sutil olhar que se move
ao balanço cotidiano do coletivo

àquela que a mão levanta em pedido de parada
àquele que em família abandona-se em solidão
e há léguas dali se desfaz

mas aqui chegamos todos
enfim

ainda que não saibamos
do rosto do pai o filho que tanto o procura
e agora não há o que

e se não olhamos uns aos outros
nesta sala de estar

é que enfim chegamos todos
aqui

herança

sei que habito entre bárbaros
estes que há pouco aguardávamos
e há muito estão entre campo e paisagem desta paragem
posto que aqui não foram postos
mas nasceram
como se de longe trouxessem essa aversão ao que é tênue e lírico
com o olhar cego
por séculos e séculos além
quando deles nascíamos e nasceremos

terceto íntimo

profundissimamente pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico
este verso me causa repugnância análoga à ânsia que se escapa
da boca de um hipocondríaco

do dramaturgo racine conta-se esta infância

do dramaturgo racine conta-se esta infância
de um romance pouco enobrecedor
e de claudeancelot o sacristão
que de suas mãos retirou-lhe as profanas letras
e as devolveu às chamas então

e que haveria em mãos outra cópia
cuidadosamente lida e entregue ao sacristão
que *também pode queimar esta agora*

das ruas deste outro país

e se cesário verde tempo teve
para ver paris antes de morrer
nenhum verso acompanharia este passo

nem lisboa infecta nem dama do paço
ou os poucos poemas agora vastos
seguiram além da península cesário

que tempo teve de os ter escrito
e quem sabe levá-los pelas ruas
deste outro país desconhecido dos vivos

nenhum homem é sábio

depois da fadada viagem do venerável beda que antes da fadada viagem sabe que homem nenhum é sábio e sabe que antes que a alma parta é preciso refletir sobre o bem e sobre o mal que se fez e que se faz e que receberá depois da fadada viagem do venerável beda que antes da fadada viagem sabe que homem nenhum é sábio e sabe que antes que a alma parta é preciso refletir sobre o bem e sobre o mal que se fez e que se faz e que receberá depois da fadada viagem do venerável beda que antes da fadada viagem sabe que homem nenhum é sábio e sabe que antes que a alma parta é preciso refletir sobre o bem e sobre o mal que se fez e que se faz e que receberá depois da fadada viagem do venerável beda que antes da fadada viagem sabe que homem nenhum é sábio

quando todos esperariam uma última homenagem

quando todos esperariam uma última homenagem
e longe bem distante deste bar onde entediado
um copo de espuma repleto ergue

e esquece que longe dali caminha sozinho
pela mesma calçada em que permanecia
diante do próximo gole a esperar

e erguia portanto a indiferente saudação
se cega ou surda não se sabe o que se vê
posto que quando todos esperassem uma última homenagem
é tempo de erguer-se e seguir alheio

os passos as sombras

e submersa no ardor do meio-dia
persiste sua sombra
na mínima vastidão do que lhe resta
do dia dividido em sóis

e no andar lento e apressado
de transeuntes dribla no solo sujo
sua umbra dispersa em multidão

abandonada sob sua imensa projeção
vívida e imóvel passista
ante o ardor de um meio-dia

eis que liberto caminhante

eis que liberto caminhante
por estes campos despejo
a inútil lira dos passos
cultivados em desprezo
e ardor solitário caminho

pois se preza a música
que o vento dispersa
preso em teu cabelo escuro
o silêncio pesa o encanto
da vastidão vazia que escuto

o que há de sensível

o que há de sensível em meu íntimo não se comunica
ou se desdobra em gesto de inexata comunhão
como parte deste rito dividido entre fome e compaixão

ou quando sozinho diante da própria frente principia
outro desconhecido rosto sobreposto e bem mais inteiro
no espelho partido ao peso do corpo em apoio na pia do banheiro

e não sei se serei eu em cada caco laminado ou no sangue em minha mão
ou na face que exponho oposta ao riso que guardo na solidão
que encontro nestas poucas paredes em que me perco

pelo óbvio labirinto pulsa na palma o caminho
que meu íntimo não comunica ao que há de sensível

a queda o voo

o que sei dos anjos se caídos ou suspensos
se terríveis ou afáveis o que nem de mim sei
se farei a devida lembrança do nome dos seus
ou se terei os restos da herança do êxtase
de santa teresa para além de toda delícia
e delito que a linguagem atordoa não sei
se no seio de cada ser ressoa o gozo
suspenso no ínfimo instante do voo

os nomes as pedras

deixai aqui nestas pedras o nome e a fábula
daqueles que almejam a revelação
para que o tempo os apague plenamente
em sopro enigma e luz
a mais cega das visões

comei e bebei com satisfação
pelo bem que propiciastes em dias passados
à espera da palavra e seus cavalos
que árdios disparavam
pela imensidão do verso

deixai também este verbo
impresso em talhe na mesma pedra de seus nomes
tu que és tantos e deixas tão pouco
para que o tempo também esqueça entre as pedras
a inútil memória do corpo

Adriano Lobão Aragão nasceu em Teresina, 1977. Fundador da revista literária *amalgama*. Em 1998, através do Concurso Novos Autores, recebeu o Prêmio Cidade de Teresina pelo livro *Uns Poemas*, publicado no ano seguinte pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Em 2005 publicou *Entrega a Própria Lança na Rude Batalha em que Morra*, pela Fundac. Em 2006 foi premiado pela Fundação Cultural do Piauí por seu livro *Yone de Safo*, publicado pela *amalgama* em 2007. Em 2009, publicou *as cinzas as palavras*. Participou das coletâneas *Versos Diversos* (Passos/MG), *Poetas do Brasil 2000* (Porto Alegre/RS) e *Estas Flores de Lascivo Arabesco*, poemas eróticos piauienses (Teresina/PI). É um dos editores do site lítero-cultural dEsenrEdoS (www.desenredos.com.br).